
Gabriela Pellegrino Soares

Professora no Departamento de História da Universidade de São Paulo

EL FAR, Alessandra.

Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924).

São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 408p.

Páginas de sensação filia-se a um campo de pesquisas que floresceu nos últimos anos, como uma ramificação da chamada nova história cultural. Qual seja, o campo da história dos impressos – entre outros, livros, periódicos e folhetins. A nova história cultural envolveu interseções da história da cultura com outros domínios do conhecimento, como a Crítica Literária, a Antropologia, a Sociologia, a Economia e a Teoria da Comunicação, interseções que concorreram para uma redefinição do olhar acerca dos mecanismos de produção, circulação e apropriação social das representações culturais. Os caminhos de reflexão que aí se abriram conduziram a uma crescente preocupação com os suportes materiais que corporificam, difundem e orientam a recepção de determinados repertórios culturais.

Ao lado do conteúdo dos textos em voga em épocas passadas, passou-se a atentar para a forma como se davam a ler (considerando-se os recursos e critérios técnicos disponíveis para a sua edição), para as estratégias comerciais que fomentavam seu consumo, para os discursos que prescreviam as práticas da leitura, para as motivações e atitudes de seu público. Apenas por meio dessa emaranhada teia de perspectivas, a análise de textos produzidos no passado poderia contribuir para o destrinchar de problemas históricos.

Não por acaso Roger Chartier e Robert Darnton, autores de trabalhos referenciais no domínio da história dos impressos, enveredaram por esse prisma para reavaliar o papel dos livros nas convulsões políticas da França setecentista. Ao ampliarem o foco de pesquisa, colocaram em xeque as tradicionais interpretações que atribuíam às obras filosóficas iluministas um lugar central no desencadear dos acontecimentos que levaram à derrocada da velha ordem.

Páginas de sensação transporta ao Brasil de fins do século XIX e princípios do XX a trilha teórica e metodológica aberta por, entre outros, Chartier e Darnton. Entretanto, o trabalho não pretende mensurar o papel dos impressos que então circulavam na principal cidade do país na produção de um acontecimento político específico ou na transformação de determinadas atitudes sociais. Os problemas da pesquisa realizada por Alessandra El Far encerram-se no mapeamento do universo da literatura popular e pornográfica que mobilizava escritores, editores, livreiros e leitores estabelecidos no Rio de Janeiro da *Belle Époque*.

A proposta, todavia, está longe de ser banal. É com riqueza de informações que a autora desconstrói a percepção generalizante de que, exceção feita a pequenas parcelas da elite, o povo brasileiro nunca foi dado ao hábito da leitura. A cada capítulo, nos surpreendemos com a diversidade de títulos e o montante das tiragens dos "romances de sensação" e dos "romances para homens", direcionados a um público não necessariamente abastado e culto, já que as edições eram baratas e os textos, acessíveis.

O mercado para livros "populares" provou ser muito mais amplo e dinâmico do que aquele aberto às obras literárias celebradas pela crítica e

canonizadas pela memória nacional. Por isso, mesmo autores de prestígio como Júlio Ribeiro também publicaram textos voltados a um público ávido por narrativas picantes e cheias de emoção, oferecidas a preços modestos.

Páginas de sensação abarca diferentes facetas desse universo literário: recompõe as dinâmicas e iniciativas do mercado editorial e livreiro que promoveu o gênero; identifica os títulos disponíveis e analisa com mais vagar o teor de alguns dos romances; captura discursos produzidos por contemporâneos buscando definir as instâncias de circulação dessas obras e os "desvios" impostos a tais prescrições. O conjunto da trama é alinhavado por um texto claro e de agradável leitura, coalhado de instigantes revelações acerca de repertórios e de práticas culturais que apenas começam a ser iluminadas por recentes pesquisas.

Em relação ao mercado editorial e livreiro, chama a atenção o volume de edições portuguesas que abasteciam os leitores do ultramar. Destacados livreiros de Lisboa como Davi Corazzi contavam com representantes no Rio de Janeiro, por meio dos quais disponibilizavam, em livros baratos, autores portugueses e incontáveis traduções de romances franceses, assim como tratados de história universal, gramática, medicina etc.

Por outro lado, as editoras que aos poucos se estabeleceram na capital do Império também dedicaram espaço às edições de reduzido custo. A prestigiada livraria francesa Garnier anunciou em 1873 o lançamento da chamada Biblioteca de Algibeira, que colocaria "bons livros ao alcance de todas as posses". A coleção assegurou um considerável retorno financeiro à editora. No mesmo período, jornais e almanaques que circulavam no Rio de Janeiro anunciavam a publicação de outras "bibliotecas populares", em formato in-quarto, encadernações em brochura e papel de baixa qualidade.

João do Rio, cronista do jornal *O Dia*, celebrou certa vez os preços irrisórios que democratizavam o acesso à leitura, embora lamentasse o teor dos enredos selecionados, em geral devassos e escandalosos. Contrapondo-se ao elitismo contido na crítica do escritor, Alessandra Al Far sublinha sua intenção de explorar os nexos que aproximavam o conteúdo dessas obras às expectativas dos leitores comuns.

O recorte da autora recai sobre dois gêneros de narrativa de grande repercussão no período estudado: o "romance de sensação" e o "romance para homens". O primeiro marcava-se pelos enredos arrebatadores que confrontavam as personagens a novas e fortes experiências. O segundo navegava nas águas do erotismo e da pornografia.

Elzira, a morte virgem, é um dos romances de sensação abordados. Publicado pela primeira vez pela livraria Serafim José Alves, no Rio de Janeiro, o livro foi reeditado por várias outras livrarias nos anos seguintes, destacando-se edição a realizada por Pedro da Silva Quaresma, em 1913, responsável por cunhar seu título definitivo e por incrementar seu sucesso. A narrativa enfocava uma tragédia familiar. Os pais de Elzira obstruem seu casamento com o amado Amâncio e a jovem se deixa morrer em resposta ao sofrimento impingido. Aqui, como na análise dos demais romances, a autora lança mão de fontes complementares para procurar dimensionar o impacto da obra para os leitores da época. Neste caso, uma notícia veiculada pela *Gazeta de Notícias*, em 1889, sobre a tentativa de suicídio de uma moça, sufocada por um desejo de casamento interdito, ajuda a autora a demonstrar que os desfechos dramáticos nas histórias de amor incompreendidas não eram estranhos aos códigos sociais do período.

No que diz respeito aos "romances para homens", um dos títulos analisados são as *Memórias do frei Saturnino*, ambientadas no Rio de Janeiro. O livro já circulava nas livrarias da capital nos anos 1840. As memórias narradas pelo frei recuperam uma vida plena de aventuras sexuais, que teve início quando o menino espreitou os encontros lascivos de sua madrasta com um padre. Saturnino logo se dispôs a reviver as lições aprendidas com sua irmã Susana, recém saída de um convento, onde também fora iniciada nas artes do prazer físico por suas companheiras. Ao flagrá-los, a madrasta impressionou-se com a virilidade do menino, e passou a arrastá-lo para os bacanais com os frades.

E assim seguem as peripécias das personagens, capazes de incendiar a imaginação do leitor. O tom anti-clerical dessa e de outras narrativas, esclarece a autora, era fruto de influências da ideologia liberal portuguesa. A imagem de um clero corrompido contribuía para solapar a legitimidade de uma instituição que os liberais portugueses quiseram reformar e enfraquecer ao longo do século XIX. Temos aqui uma das poucas passagens em que os significados políticos das obras analisadas são tematizados pela autora, que de resto privilegia o diálogo das obras com o cotidiano dos habitantes de uma cidade em franco processo de modernização, como sucedia ao Rio de Janeiro da passagem do século.

Alessandra Al Far nos recorda também, com breve menção, de uma outra dimensão do diálogo entre as obras e os leitores, que remonta às permanências da longa duração, a manifestações culturais de maior amplitude. "Como dizia Machado de Assis, o homem sempre gostou dos grandes crimes. Sempre gostou também dos amores impossíveis, das contravenções, do inesperado, do excesso e do que fosse capaz de lhe proporcionar fortes emoções. Os escritores de livros populares, cientes dessa predileção e interessados em cativar seus leitores, usufruíam de um imenso repertório de histórias a seu favor. Muito se pautavam na literatura do passado ou nas novelas francesas da moda. Outros, além disso, ficavam atentos ao que se via pelas ruas, o que se lia nos jornais ou o que repercutia de boca em boca no domínio da oralidade". (p. 313)

Não necessariamente, portanto, as obras respiravam ares brasileiros. Um dos "romances para homens" a cativar a atenção da autora foi *Teresa, a filósofa*, texto anônimo publicado pela primeira vez na França em 1748. Este livro teve vida longa junto aos leitores brasileiros. Não resisto em lembrar aqui um artigo escrito por Monteiro Lobato em 1921, intitulado *Os livros fundamentais*, que comentava o fascínio que *Teresa* continuava a exercer sobre os meninos das novas gerações.

Mil cidadezinhas pelo interior do Brasil existem onde, em matéria de leitura, de pais a filhos, gerações sucessivas gravitam em torno desse trio: Teresa, Carlos Magno, Escrich. (...) Sem donos, em geral, circulam de mão a mão, em empréstimos sucessivos, como bens pertencentes à comunidade. (...)

E, retornando a *Páginas de Sensação*, embora os romances pornográficos fossem socialmente definidos como leitura "para homens", há evidências de que muitas mulheres encontrassem subterfúgios para mergulharem em sua narrativa. Um artigo publicado na revista *A Época*, em 1875, relatava a confissão feita a um padre por uma jovem, de que passava as madrugadas em claro devorando os livros "proibidos" que seu marido abandonava sobre a cama ao cair no sono.

Ao que se prestavam, afinal, na interpretação de Alessandra Al Far, essas leituras? "Imersos num vasto conjunto de referências orais e escritas, os autores dos livros populares do final do Oitocentos souberam, como poucos, contar suas histórias, dialogando sempre que possível com temas e assuntos presentes na realidade e no imaginário de seus leitores. (...) Deixavam de lado quaisquer idéias filosóficas, modelos abstratos, para tratar, em meio a uma série de acontecimentos, das injustiças, das relações de poder, da família, da moral em voga etc. Nesse viés, pode-se dizer que as desgraças, as fatalidades, as transgressões, que deram intensidade a esses romances de sucesso, mostraram-se, neste trabalho, 'boas para pensar'. Isso porque, através delas, foi possível falar de modo mais específico sobre a sociedade carioca e brasileira daquele período como também de alguns aspectos culturais de maior amplitude." (p. 314)

A expressão "boas para pensar" faz referência à percepção formulada por Lévi-Strauss sobre os povos indígenas, que refletiam sobre sua realidade por meio das coisas concretas da vida cotidiana. Também os leitores analisados por este trabalho refletiriam sobre o mundo ao seu redor por meio das narrativas que falavam às emoções.

É certo que as formas de diversão e evasão próprias de cada sociedade guardam nexos estreitos com suas concepções acerca da realidade social e moral e, em contrapartida, com os desejos de transgressão. Mas se o universo das obras, livreiros e editores está muito bem apresentado em *Páginas de Sensação*, as "formas de pensar" que este ensinou mereceram considerações ainda tímidas por parte da autora.